

Título do Resumo: “De uma erva só se enfada o Gado”: introdução de gramíneas africanas em pastagens brasileiras - *Melinis minutiflora* e *Uruchloa decumbens*

Autor: Lucas Brasil

Doutorando em Geografia- PUC-Rio

E-mail: brasilucas@gmail.com

Embora eclipsada pela historiografia, contribuições do continente africano para o Novo Mundo foram vastas. As novas terras além-mar foram acrescidas não somente de milhões de africanos escravizados, mas também de suas culinárias, praticas religiosas, percepções da natureza, técnicas de transformação da paisagem e um componente material em especial: espécies de gramíneas forrageiras. A importância econômica da pecuária bovina no Brasil colônia já foi fruto de investigações, mas os componentes biológicos desta atividade, tanto capins quanto animais, são todos exóticos e o entendimento de como foram introduzidos, estabelecidos e dispersos na paisagem brasileira ainda carecem de pesquisas mais específicas. No presente trabalho serão investigadas a introdução de duas espécies de capins forrageiros, o capim-gordura (*Melinis minutiflora*) durante o período colonial e o brachiaria (*Uruchloa decumbens*) na segunda metade do século XX. A narrativa dominante da chegada das gramíneas no Novo Mundo é permeada de fortuitas oportunidades e felizes acasos. Porém existem componentes ecológicos e culturais que podem auxiliar na compreensão deste processo de introdução de capins africanas para além da chance e da sorte. A necessidade da criação de gado para abastecimento interno e a baixa palatabilidade das gramíneas nativas do bioma mata atlântica são motivações suficientemente fortes para que haja mais interesse e planejamento envolvidos na introdução e estabelecimento dos capins africanos do que o mero acaso comumente evocado. As histórias contemporâneas de introdução de novas espécies de capins africanos em território brasileiro, por outro lado, são plenas de intencionalidades. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) foi a responsável pela introdução, aclimação, hibridização e disseminação do gênero *Urochloa* no Brasil, a partir do final da década de 1960. O propósito era claro: aumentar a produtividade das pastagens, envolvendo menos manejo, maior resistência a pragas e a estíagens. Esta introdução trouxe profundas mudanças produtivas, econômicas e, evidentemente, nas paisagens brasileiras. As fontes para o período colonial se concentram, mas não se restringem, em manuais agrícolas, por apresentarem as técnicas de manejo da paisagem mais adequadas para uma agropecuária colonial, citando e recomendando capins exóticos para a formação de pastagens aos pecuaristas coloniais. As fontes para o período contemporâneo serão os documentos da EMBRAPA que registram os esforços de introdução do gênero *Brachiaria* no Brasil a partir do final da década de 1960. Corroborando com a perspectiva adotada por Judith Carney, o presente trabalho também visa romper com uma visão colonializada em que os africanos escravizados são retratados como mera mão de obra forçada ocultando as contribuições oriundas do continente africano, tanto de ordem biológica quanto da ordem de interação e manejo da natureza. Como principal resultado temos que o Brasil, cuja produção de carne e área de pastagem estão entre os maiores do mundo, deve muito desta expressividade no cenário econômico global a introduções deste patrimônio botânico que são gramíneas africanas, tanto em um passado colonial, quanto em um passado não tão distante.